

ga, significando “fazer aprender”, “instruir”, “ensinar”. A Didática, por muitos anos, foi compreendida como um conjunto de procedimentos técnicos cujo objetivo principal era o de garantir o bom ensino, técnicas pedagógicas eficientes e bem conduzidas produziam a eficácia educativa.

Atualmente, sabe-se que a Didática tem como objetivo os processos de ensino e de aprendizagem, ultrapassando a técnica, sendo um meio de compreensão crítica da educação e dos processos de ensino e de aprendizagem. A Didática, em termos técnicos e práticos, possui um conteúdo implícito, uma concepção de sociedade, de homem e de educação.

Nesse sentido, vamos distinguir, nessa disciplina, as diferenças e implicações teórico - práticas entre a visão da didática como uma simples aplicação de técnicas ou como uma compreensão crítica dos processos de ensino e de aprendizagem, tendo o professor como um mediador no processo didático de ensino e de aprendizagem.

As reflexões sobre educação, a escola como instituição social, os procedimentos pedagógicos, a avaliação dos processos de ensino e de

aprendizagem do aluno e outros aspectos que dizem respeito ao ato educativo são tratados pela Didática de forma crítica e comprometida com a formação da CIDADANIA e com o modo de aquisição do CONHECIMENTO. Com a preocupação de enfatizar a importância desses dois processos na educação, a DIDÁTICA compromete-se com a reflexão dos caminhos que levam à construção do conhecimento em todas as áreas do currículo escolar.

2. CONHECIMENTO E APRENDIZAGEM: algumas considerações

O ser humano apreende a realidade do mundo ao seu redor num processo que se realiza em variadas situações contextualizadas, participativas e, sobretudo, culturais.

É importante para o educador refletir sobre o processo de aquisição do conhecimento no sentido de auxiliar a mediação entre o aluno (sujeito) e o que ele aprende (objeto de conhecimento).

O professor não é um simples executor das prescrições do currículo. O professor tem um papel muito mais importante que o de simplesmente transmitir conhecimentos aos seus alunos. Nesse sentido, o professor tem o papel de mediar, porque ele está no meio, como um agente de ligação entre o conhecimento e os aprendentes. Assim, o professor deve interpretar como um agente de ligação entre o currículo e os alunos.

A concepção que o professor tem do conhecimento e os valores que ele julga importante trabalhar constituem as bases da prática pe-

Saiba Mais:

Na história da Didática, o filósofo tcheco Comênio é o primeiro pedagogo dos tempos modernos. Também foi considerado o pai da Didática moderna: A Didática Magna ou Tratado da Arte Universal de ensinar tudo a todos, escrita em tcheco, em 1629-1632, traduzida para o latim em 1640 e só publicada em 1657. A Didática Magna é uma obra de referência para todos os que buscam compreender o sentido mais profundo do humanismo na educação, ressaltando que ‘não se deve, pois, excluir ninguém dos benefícios da educação e da instrução’. Comênio revolucionou o modelo de educação da época e que continua a despertar um interesse por todos que buscam compreender a melhor forma de conduzir o ensino para todos. Conduziu seu método de ensino com o princípio de que não existe mau aluno, o que deve existir sim: boas bibliotecas, bons professores e bons métodos.



<http://static.infoescola.com/wp-content/uploads/2010/08/Jan-Amos-Comenius.jpg>

pedagógica. Esta se concretiza nas relações que ocorrem nos espaços pedagógicos. Os espaços pedagógicos, como você sabe, são aqueles em que as pessoas estabelecem relação com o conhecimento. A escola é um deles, mas, na atualidade, há outros espaços como os espaços virtuais, pelo qual você vai estabelecer interatividade com o conhecimento.

Agora vamos estudar as diversas práticas desenvolvidas nos espaços pedagógicos e as tendências pedagógicas que orientam tais práticas.

2.1. O paradigma conservador



Figura 01

Nas últimas décadas do século XX, o ensino nas instituições educativas tem-se apresentado por uma prática pedagógica, em muitos casos, conservadora e tradicional. Na realidade, os professores vêm sofrendo uma forte influência do **paradigma newtoniano-cartesiano** que caracterizou a ciência no século XIX e grande parte do século XX. Esse paradigma contaminou, por muitos anos, a sociedade e, em especial, a escola, em todos os níveis de ensino. Este pensamento propôs a fragmentação do todo e, por consequência, as escolas repartiram o conhecimento em áreas, as áreas em cursos,

os cursos em disciplinas, as disciplinas em especificidades. A repartição foi tão contundente que levou os professores a realizarem um trabalho docente completamente isolado em suas salas de aula.

A influência deste paradigma na ação docente é a busca da reprodução do conhecimento. Caracterizada pela fragmentação, a prática pedagógica propõe ações mecânicas aos alunos, provocando um ensino que prioriza o escute, leia, decore e repita. Estas quatro ações têm sido propostas como metodologia no ensino por um longo período na história da educação. Em sua grande maioria, os professores explicam o conteúdo e a classe acompanha em silêncio. A pesquisa do conteúdo e elaboração do conhecimento é realizada pelo professor para ministrar as aulas. Na explicação do conteúdo, cabe aos alunos o papel de espectadores passivos para assimilar, memorizar e reproduzir os conteúdos propostos. Nesse contexto, podemos indagar:

Quem está no processo de aprendizagem? O aluno ou o professor? A resposta ideal seria: os dois são sujeitos do processo. Mas, infelizmente, o aluno tem sido tratado como objeto, passivo e receptivo no trato pedagógico. Salvo raras exceções, os docentes conservadores aliam a competência ao autoritarismo. O silêncio e a disciplina são essenciais para desencadear o ensino reprodutivo e conservador. A avaliação tem o seu foco na memorização e na

Saiba Mais:

O paradigma Newtoniano-Cartesiano que influencia até hoje os campos do conhecimento científico partem do pressuposto de que, para conhecer o todo, é preciso fragmentá-lo. O todo seria, então, resultado da união destas partes menores. Este fato levou a ciência, mais especificamente, ocidental a fragmentar o mundo e criou em todos os segmentos tecnológicos especialistas, que não veem o mundo como um todo. Tal modelo tem como princípios o racionalismo, o controle, o individualismo, a hierarquia e outros.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Paradigma_holistico

<http://cegueiracientifica.blogspot.com/2009/01/paradigma-newtoniano-cartesiano.html>

assimilação, e, em algumas áreas, o professor adquire credibilidade pelo número de alunos que são reprovados na sua disciplina.

A grande ênfase no produto permitiu aos professores que, muitas vezes, ingenuamente, formassem homens dóceis, acéticos e reprodutores do conhecimento alheio.

Para fins didáticos, caberia colocar dentro dos paradigmas conservadores as tendências pedagógicas: tradicional, escolanovista e tecnicista. Todas essas abordagens, respeitando as caracterizações próprias para cada época em que foram propostas, apresentam como essência a reprodução do conhecimento.

Você costuma refletir sobre sua prática pedagógica? Na verdade, poucos professores refletem sobre a sua ação docente. A formação pedagógica dos docentes deve ser permeada por uma reflexão contínua entre teoria e prática. Não basta instrumentalizar o professor com procedimentos técnicos, para que prática seja renovada. É necessária a reflexão crítica e contextualizada nas necessidades sociais e educacionais dos estudantes.

2.2. Um novo modelo

Os avanços tecnológicos e científicos provocaram mudanças na sociedade. A grande velocidade e o impressionante volume de informações que são produzidos, além da facilidade



Figura 02

de acesso a elas, tornam os paradigmas conservadores obsoletos. O final do século 20 caracteriza-se pelo advento da sociedade do conhecimento, da revolução da informação e da exigência da produção do conhecimento. Esse processo de mudança afeta profundamente os profissionais de todas as áreas do conhecimento e, por consequência, exige o repensar dos seus papéis e suas funções na sociedade. A sociedade passa a exigir profissionais que tenham capacidade de tomar decisões, que sejam autônomos, que produzam com iniciativa própria, que saibam trabalhar em grupo, que partilhem suas conquistas e que estejam em constante formação. Nesse movimento de mudança, o professor passa a ter um papel fundamental de articulador e mediador entre o conhecimento elaborado e o conhecimento a ser produzido.

O novo paradigma da ciência, gerado com base na teoria da relatividade e na teoria da física quântica, implica um repensar sobre o papel da educação na vida dos homens. A abordagem que analisa o mundo em partes independentes já não funciona.

No campo educacional, há uma valorização da importância de diálogos que precisam ser restabelecidos, com base em um enfoque mais holístico e em um modo menos fragmentado de ver um mundo e nos posicionarmos diante dele. Já não podemos prescindir de uma visão mais ampla, global para que a mente humana funcione de modo mais harmonioso no sentido de colaborar para a construção de uma sociedade mais ordenada, justa, humana, fraterna e estável. A superação da visão cartesiana de mundo demanda repensar o sistema de valores que estão subjacentes a esse paradigma. O novo modelo na ciência, com uma visão

Atividades:

1. Construa um quadro, situando o papel do professor e do aluno nas concepções conservadoras (tradicional, escolanovista e tecnicista).

Saiba Mais:

Texto complementar:

http://www.ufsm.br/lec/01_00/DelcioL&C3.htm

nesse processo, uma reflexão de que se vive num mundo global, portanto, são responsáveis pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Como diz Franco (1995), o professor precisa compreender que, como toda a realidade, a “sala de aula” bem como o aluno e o próprio professor estão inseridos em uma rede de relações e que tudo o que está ocorrendo na sala de aula faz parte de um processo interminável e impossível de ser controlado, e o professor precisa participar desse processo, a fim de contribuir para que ele se dê da melhor forma possível.

quântica, demanda reconhecer que todos os seres são interdependentes e que “nossas vidas estão entrelaçadas com o mundo atual, dependem de nossa atuação e nosso contexto, em nossa realidade, que será revelada mediante uma construção ativa em que o indivíduo participe” (MORAES, 1997, p. 22).

Buscando uma visão de totalidade, de conexão, de interdependência, a escola nesse paradigma é articuladora do saber. Não é só um espaço físico, mas, sim, um estado permanente do indivíduo, onde o trabalho colaborativo está sempre presente.

O novo paradigma tem como pressuposto essencial uma prática pedagógica que possibilite a produção do conhecimento. Embora se apresentem variadas denominações, o novo paradigma caracteriza-se pela produção do conhecimento e permite um encontro de abordagens e tendências pedagógicas que possam atender às exigências da sociedade do conhecimento ou da informação. O mundo mudou, e, com ele, as expectativas e necessidades dos homens passaram a ter outras perspectivas. Não se pode apontar uma única abordagem pedagógica para contemplar o paradigma emergente. Por exemplo, Moraes (1997) propõe o encontro das abordagens construtivista, interacionista e sociocultural.

O ponto de encontro dessas abordagens é a superação da reprodução e a busca da produção do conhecimento. Na realidade, é uma produção do conhecimento que permite aos homens serem éticos, autônomos, reflexivos, críticos e transformadores; que, ao inovar os profissionais e, em especial, os professores, preocupem-se em oferecer uma melhor qualidade de vida para os homens, provocando,

3. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Você, aluno, lembra-se de um “rap”, do compositor Gabriel, o Pensador sobre a escola brasileira? O texto referente a este item inicia-se com um trecho da música “Estudo errado” que possibilitará situá-lo melhor no tema a ser estudado.

ESTUDO ERRADO

Autor: Gabriel, o Pensador

Eu to aqui. Pra quê?
Será que é pra aprender?
Ou será que é pra aceitar, me acomodar e obedecer?...

Tô cansado de estudar, de madrugada, que Sacrilégio (Vai pro Colégio!!).
Então eu fui relendo tudo até a prova começar.

Atividades:

A realização das atividades de estudo propostas nesse capítulo o ajudará compreender o assunto e, assim, interagir com seus colegas e professores no **primeiro fórum temático** da disciplina no qual iremos discutir as implicações teórico-práticas entre a visão da didática como uma simples aplicação de técnicas ou como uma compreensão crítica dos processos de ensino e de aprendizagem, tendo o professor como um mediador no processo didático de ensino e de aprendizagem, com base nas abordagens construtivistas.

2. Construa um quadro, situando o papel do professor e do aluno no âmbito das concepções construtivistas.



Voltei louco pra contar: Manhê! Tirei um dez na prova. Me dei bem, tirei um cem.

E eu quero ver quem me reprova. Decorei toda a lição.

Não errei nenhuma questão. Não aprendi nada de bom. Mas tirei dez (boa filhão).

Quase tudo que aprendi, amanhã já esqueci.

Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi.

Quase tudo que aprendi, amanhã já esqueci.

Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi.

Decoreba: esse é o método de ensino.

Eles me tratam como ameba e assim eu nem raciocino.

Não aprendo as causas e conseqüências, só decoro os fatos

Desse jeito até história fica chato...

Mas o ideal é que a escola me prepara para vida.

Discutindo e ensinando os problemas atuais.

E não me dando as mesmas aulas que eles deram pro meus pais...

Leu ou cantou o "rap" de Gabriel? Percebeu a mensagem dos versos?

Então, reflita um pouco sobre alguns aspectos do texto musical que são alvos da crítica do autor e os relacione para si, a fim de que, após a leitura do texto que vem a seguir, você possa ampliar a sua leitura crítica com a avaliação de suas experiências como estudante, ao longo de sua vida escolar.

No texto a seguir, você identificará algumas ideias importantes sobre a aprendizagem.

Atualmente a escola tem sido muito avaliada; os métodos e as abordagens de ensino são objetos de crítica assim como seus resultados avaliativos. Apesar do surgimento de ideias educacionais, visando à melhoria da aprendizagem e do desempenho docente, a escola continua, conforme expressão da professora Smole (2007), "dominada por uma concepção pedagógica tradicional".

Os alunos continuam memorizando conteúdos muitas vezes desconectados de suas experiências, e os professores expõem os assuntos e aplicando exercícios; em consequência, a indisciplina e o desinteresse ocorrem.

Como a escola, através das atividades pedagógicas, pode se organizar, a fim de envolver o aluno na sua própria aprendizagem, tornando-o mais autônomo?

Há muitas contribuições teóricas no campo da Psicologia e da Pedagogia; uma delas é a que trata da APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA. A teoria inicial foi delineada por Ausubel (1980), psicólogo nascido nos Estados Unidos.

São alguns princípios norteadores da teoria:

- o conhecimento humano é construído;
- o sujeito somente aprende, quando existe a interação de uma informação com um aspecto relevante da sua estrutura cognitiva (mente humana). Isso significa incorporação do novo conhecimento às estruturas cognitivas.
- relação entre as ideias novas com as ideias preexistentes na mente do sujeito. Isso significa que os conhecimentos prévios dos aprendizes têm grande influência sobre a aprendizagem significativa de novos conhecimentos. Aqueles são denominados de ideias, conceitos, fatos denominados integradores ou subsunçores.
- ao aprender de forma significativa, o sujeito retém a substância (o essencial) das novas ideias.
- a predisposição favorável do sujeito é um elemento relevante para o domínio dos conceitos e para a solução de problemas reais (NOVAK, 1980).

- o conhecimento deve ser visto como uma rede de significados em permanente processo de transformação, a cada nova INTEIRAÇÃO.

4. UMA NOVA ABORDAGEM DIDÁTICA

Uma nova abordagem didática – metodológica deve ser vivenciada, tendo como objetivo a construção da cidadania social, política e econômica.

Quando se fala a palavra *cidadania*, logo surgem ideias, como: participação, direitos e deveres da pessoa na sociedade. A conquista da cidadania passa pela conscientização do ser humano sobre a sua identidade política, isto é, reconhecer-se como um membro participante dos destinos do seu país, de sua comunidade, bem como ter acesso a uma vida de qualidade e poder usufruir do progresso humano.

Atualmente, fala-se constantemente em inclusão social, porém, para se sentir incluso, é necessário não só “estar no mundo” mas “com o mundo”, como diz Paulo Freire (1981). Ainda citando o grande educador, “estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 1981).

Como está situada a escola como uma instituição social em face a essa realidade colocada?

Sabe-se que a educação escolar não pode ser dissociada do todo da sociedade, consequentemente apresenta contradições e determinantes, que nem sempre permitem sua autonomia plena. Porém, é relevante seu papel transformador e a sua função de assegurar os

conhecimentos científicos e culturais a todos os cidadãos, elevando-os culturalmente.

A escola, como instituição social e que deseja ser CIDADÃ, deve:

- ser dialógica (vivenciar o diálogo);
- desenvolver a autonomia (preparar o aluno para a independência intelectual);
- praticar a autogestão democrática (tomada de decisões coletivas/abertura de canais de participação);
- ser comunitária (envolver-se nos problemas e nas soluções da comunidade);
- ser democrática (abrir os seus espaços para todos em sua heterogeneidade);
- ser pluralista (conviver com diversas ideias e conflitos e discuti-los);

- ter um projeto coletivo (discussão entre todos os membros com decisões políticas e pedagógica para as ações).

Portanto, para que se possibilite uma escola para todos, e, em especial, uma escola pública democrática, deve-se não só oferecer acesso à permanência, mas “construir a cultura do sucesso escolar, no trato dado ao conhecimento, na superação dos preconceitos e nas práticas” (SANTIAGO, 1998).

5. CONSEQUÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Podemos registrar alguns aspectos relacionados às consequências didático-pedagógicas do estudo deste capítulo, tais como:

- o aluno pode aprender por múltiplos caminhos e usar diversos meios e modos de expressões (SMOLE, 2007);
- o processo de ensino e aprendizagem deve possibilitar o desenvolvimento e a valorização de todas as competências intelectuais: espaciais, corporais, pictóricas (pinturas), inter e intrapessoais, além das linguísticas e lógico-matemáticas (ibid).

- o professor é um mediador para a aquisição e para o desenvolvimento da aprendizagem, orientando a busca de diversas fontes, além das tradicionais, os melhores sites, indicando links, etc.
- a aprendizagem escolar é um processo ativo do ponto de vista do aluno; ele constrói, modifica, enriquece seus esquemas de conhecimento a respeito de diferentes conteúdos escolares.
- o ponto de partida da aprendizagem é o significado; deve estar ligado à prática social, à importância do contexto.
- a aprendizagem é um processo resultante do cruzamento da rede de saberes construídos (prévios) pelos alunos, saberes sociais de referências e saberes escolares.
- a habilidade de aprender a aprender e a pensar é possibilitada ao aluno através da INVESTIGAÇÃO. Os desafios devem provocar questionamentos e modificação dos esquemas prévios, ou seja, na maneira de ver, interpretar e atuar no mundo.
- Professor e estudantes se consideram como pessoas e não, como papéis; hipóteses e pensamento divergentes fazem parte do processo criativo; o professor é também aluno, aprendiz dos estudantes.

GLOSSÁRIO

Interatividade: participação; intervenção; bidirecionalidade; hibridação; permutabilidade. (SILVA, Marco. 2000).

Paradigma: modelo, padrão ou norma, algo que serve como parâmetro de referência, como um semáforo ou uma estrutura considerada ideal ou merecedora de ser seguida.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David Paul; NOVAK, Joseph; HANESIAN, Helen. Psicologia Educacional. R.J.: Intertexto, 1980.

BEHRENS, Marilda Aparecida. A prática pedagógica e o desafio do paradigma emergente. Revista Brasileira. Est. pedag., Brasília, v. 80, n. 196, p. 383-403, set./dez. 1999. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/167/166>. Acesso em: 02.10.2010.

_____. Marilda Aparecida. O paradigma emergente e a prática pedagógica. 3 ed. Curitiba: Champagnat. 2003.

DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. Relatório da UNESCO. São Paulo: Cortez, 2003.

DAVIS, Cláudia. Psicologia na Educação. São Paulo: Cortez, 1990.

FRANCO, Sérgio Roberto Kieling. O construtivismo e a educação. Porto Alegre: Mediação, 1995.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GATOTTI, Moacir. Escola Cidadã. Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

GROSSI, Esther Pillar. Um Novo Paradigma sobre a Aprendizagem. In, GROSSI, Esther Pillar;

BORDIN, Jussara. Paixão de Aprender. Petrópolis: Vozes, 1994.

HICKEL, Neusa. A Inteligência é um Processo e não um Dom: fica-se inteligente porque se aprende. IN, GROSSI, Esther Pillar & BORDIN, Jussara. PAIXÃO DE APRENDER. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma emergente. Campinas: Papyrus, 1997.

MOREIRA, Marco Antonio; ELCIE, F.S.M. Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Ed. Moraes, 1982.

NOVAK, Joseph David. A Teoria da Aprendizagem Significativa. Revista Construir Notícias, n. 34, Ano 06, Recife, maio/jun, 2007.

SANTIAGO, Eliete. Paulo Freire e as questões curriculares: uma contribuição e reflexão. In, Revista de Educação. AEC do Brasil, a.27, n.106. Jan/març, 1998.

SMOLER, Kátia Cristina Stocco. Aprendizagem Significativa: o lugar do conhecimento e da inteligência. Revista Construir Notícias, n.34, Ano 06, Recife, maio/jun, 2007.

O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NA DINÂMICA DO TRABALHO DOCENTE

Profa. Luciane Borges do Rêgo
Profa. Maria Vitória Ribas de Oliveira Lima

Carga Horária | 15 horas

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Definir uma concepção de Planejamento Educacional numa visão transformadora.
- Diferenciar tipos de planejamento educacional.
- Reconhecer a importância da previsão de situações didáticas e de recursos necessários às aprendizagens.
- Organizar planos de ensino a partir de referenciais teóricos e da realidade do contexto educativo.
- Relacionar o Projeto Político-Pedagógico da escola às atividades curriculares.

INTRODUÇÃO

O planejamento pedagógico é uma tarefa que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em fase dos objetivos propostos quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino (LIBÂNEO, 1991). Desse modo, este capítulo aborda o tema, mostrando a importância do planejamento na estruturação do trabalho pedagógico, evidenciando as vantagens da organização do trabalho docente, as etapas de construção (modalidade de planejamento), os procedimentos (dinâmica do processo de ensino e aprendizagem), enfatizando a coerência entre a prática desenvolvida e as referências que a fundamentam.



1. PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

O ato de planejar faz parte da história do ser humano, pois o desejo de transformar sonhos em realidade objetiva é uma preocupação marcante de toda pessoa. Em nosso dia-a-dia, sempre estamos enfrentando situações que necessitam de planejamento, mas nem sempre as nossas atividades diárias são delineadas em etapas concretas da ação, uma vez que já pertencem ao contexto de nossa rotina. Entretanto, para a realização de atividades que não estão inseridas em nosso cotidiano, usamos os processos racionais para alcançar o que desejamos.

As ideias que envolvem o planejamento são amplamente discutidas nos dias atuais, mas um dos complicadores para o exercício da prática de planejar parece ser a compreensão de conceitos e o uso adequado destes. Assim o objetivo deste capítulo é o de procurar explicitar o significado básico de termos, tais como planejamento, plano, programa, projeto e outros. Cabe ressaltar que, neste breve texto, não se pretende abordar todos os níveis de planejamento, mesmo porque, como aponta Gandin (2001, p. 83),

é impossível enumerar todos os tipos e níveis de planejamento necessários à atividade humana. Sobre tudo porque, sendo a pessoa humana condenada, por sua racionalidade, a realizar algum tipo de planejamento, está sempre ensaiando processos de transformar suas idéias em realidade. Embora não o faça de maneira consciente e eficaz, a pessoa humana possui uma estrutura básica que a leva a divisar o futuro, a analisar a realidade, a propor ações e atitudes para transformá-la.

Refletindo sobre o planejamento, Rubens Alves (1982) estabelece uma conexão com a história de um escoteiro...

Um escoteiro, tendo ido com os seus companheiros para um passeio na floresta, ficou sozinho; quando eles voltaram sem aviso, para o acampamento. Perdido, poderia ter começado a chorar ou, o que seria mais comum, a andar sem rumo para cá e para lá, na esperança de encontrar uma saída. Mas, inteligentemente organiza sua mente e sua ação: - abre o seu mapa (reconhece o contexto/compreende a situação); - estabelece o rumo (alcançar o acampamento); - verifica a distância(em que está e que meios dispõe para chegar ao destino) e define o caminho (estabelece o roteiro).

Qual a comparação que pode ser estabelecida entre a história e as ações de planejamento?

No planejamento educacional, também a proposta de ação, à semelhança do escoteiro, é uma interferência na realidade (na prática), a fim de transformá-la ou de construir uma nova realidade (ações, atitudes e comportamentos, normas).

O planejamento educacional constitui-se em um processo de organização do trabalho pedagógico, tendo como elemento mediador a prática social.

Para melhor compreender o processo de planejamento, vamos diferenciar planos, programas e projetos.

PLANO

Plano é um documento utilizado para o registro de decisões do tipo: o que se pensa fazer, como fazer, quando fazer, com que fazer, com quem fazer.

O plano é a “apresentação sistematizada e justificada das decisões tomadas relativas à ação a realizar” (FERREIRA apud PADILHA, 2001, p. 36).

TIPOS DE PLANOS

Plano Nacional de Educação é um plano que reflete toda a política educacional de um povo, inserido no contexto histórico, que é desenvolvida a longo, médio ou curto prazo.

Plano Escolar é onde se registram os resultados do planejamento da educação escolar. “É o documento mais global; expressa orientações

gerais que sintetizam, de um lado, as ligações do projeto pedagógico da escola com os planos de ensino propriamente ditos". (Libâneo, 1993, p 225).

Plano de Curso é a organização de um conjunto de matérias que vão ser ensinadas e desenvolvidas em uma instituição educacional, durante o período de duração de um curso. Segundo Vasconcellos (1999, p. 117), esse tipo de plano é a "sistematização da proposta geral de trabalho do professor naquela determinada disciplina ou área de estudo, numa dada realidade".

Plano de Ensino é o plano de disciplinas, de unidades e experiências propostas pela escola, professores, alunos ou pela comunidade. Situa-se no nível bem mais específico e concreto em relação aos outros planos, pois define e operacionaliza toda a ação escolar existente no plano curricular da escola. (SANT'ANNA, 1995).

PROGRAMAS

Padilha (2001) explica que um programa pode ser constituído de um ou mais projetos de determinados órgãos ou setores num período de tempo definido. Para Gandin (1995), o programa, dentro de um plano, é o espaço onde são registradas as propostas de ação do planejador, visando aproximar a realidade existente da realidade desejada. Desse modo, na elaboração de um programa, é necessário considerar as ações concretas a realizar, as orientações para toda a ação (atitudes, comportamentos), as determinações gerais as atividades permanentes.

PROJETOS

Projeto é também um documento produto do planejamento, porque nele são registradas as decisões mais concretas de propostas futuristas. Como o próprio nome indica, projetar é lançar para a frente, dando sempre a ideia de mudança, de movimento. Projeto representa o laço entre o presente e o futuro, sendo ele a marca da passagem do presente para o futuro. Nas seções a seguir, você verá melhor o que são os projetos didáticos e o projeto político-pedagógico.

2. PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO



Figura 01

Para a compreensão da importância do planejamento das atividades de ensino e de aprendizagem na escola, faz-se necessário explicitar algumas características dos planos de ensino (planos de curso, de aula e projetos didáticos):

- partem do conhecimento da realidade (contexto social, necessidades do aluno e seus conhecimentos prévios);
- estabelecem objetivos específicos;
- identificam e explicitam questões que a prática social e o conhecimento colocam;
- identificam os instrumentos metodológicos adequados à busca das respostas e aos problemas levantados (fontes diversas/atividades diversas);
- integram as diferentes contribuições na construção e ou reconstrução do saber (sistematização dos conhecimentos);

- partem da visão do aluno, global e ampliada da realidade.

O plano de ensino ou de curso é um guia que organiza as unidades para um ano ou semestre e geralmente contém os seguintes elementos:

- dados de identificação (instituição/curso/disciplina/série/carga-horária)
- objetivos (geral e específicos)
- temas de estudo (conteúdo)
- procedimentos metodológicos (atividades do professor e do aluno, inclusive avaliação)
- referências

O plano de aula é um detalhamento do plano de curso, tendo como referenciais os objetivos específicos necessários, os quais devem ser centrados nos alunos.

Nesta perspectiva de trabalho, o professor deve adotar os seguintes procedimentos:

- problematização (questionamentos interessantes, charadas, músicas, dúvidas, etc, de tal modo que mobilizem a curiosidade e a busca)
- considerar os conhecimentos prévios (o que o aluno sabe sobre o assunto)
- busca de informações (fontes diversas - leituras, pesquisas individuais ou em grupos, pesquisa de campo e na Internet, exposições, excursões, análises de vídeo, entre outras)
- sistematização do conhecimento (construção conjunta – professores e alunos, de conhecimentos sistematizados)
- procedimentos avaliativos (informação dos critérios, dos procedimentos e instrumentos de avaliação)
- referências utilizadas

Vale ressaltar que as denominações relativas às etapas dos planos podem variar, de acordo com as instituições, autores e propostas pedagógicas.

Outras situações didáticas para a aprendizagem de conhecimentos são planejadas através dos PROJETOS DIDÁTICOS: eles se constituem de planos de ensino, a partir de temas geradores coerentes com objetivos básicos das aprendizagens previstas.

Os projetos didáticos apresentam, de um modo geral, as seguintes características:

- definição conjunta do tema de estudo;
- levantamento de questões sobre o tema (alunos e professores);
- negociação compartilhada entre alunos e professor em relação aos objetivos do estudo e às fontes de pesquisa (bibliográficas, entrevistas, excursões, seminários) e às avaliações;
- interdisciplinaridade (compreensão global da realidade do saber escolar e interação com outros conhecimentos).
- compreensão dos conhecimentos pelo envolvimento crítico no tema do estudo.

3. O PROJETO POLÍTICO/PEDAGÓGICO DA ESCOLA

Para iniciar o estudo, vamos PROBLEMATIZÁ-LO?

- Qual o significado do termo Político-Pedagógico?
- Por que o seu planejamento é importante?
- Qual a sua relação com o processo de ensino-aprendizagem?
- Quem dele participa como projeto?

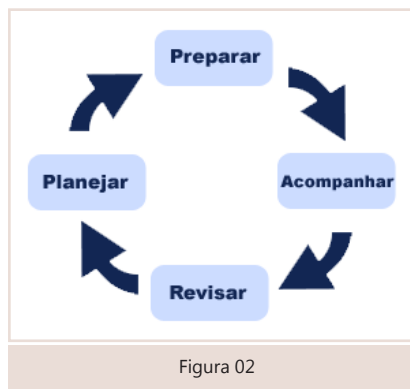


Figura 02

A escola, segundo Veiga (1996), é o lugar da concepção, realização e avaliação do seu projeto educativo e, por isso mesmo, é mister que ela assuma essa responsabilidade e, também, reivindique das instâncias superiores às condições para seu desenvolvimento.

Para que você, aluno, compreenda o que é PROJETO POLÍTICO- PEDAGÓGICO, faz-se necessário que entenda o significado de cada palavra:

- projeto – é o que lança para adiante, é movimento; é ação organizada que articula as práticas, segundo esquemas estabelecidos, que arranja o presente e o liga à visão do futuro.
- político – dimensão de compromisso com a formação do sujeito cidadão.
- pedagógico – dimensão do “saber fazer” dos processos de ensino e de aprendizagem / organização do processo de trabalho, a prática docente, as ações coletivas.

A importância em ser definido um projeto pedagógico pela instituição escolar é fundamental para que sejam estabelecidos os rumos que norteiam a prática; os fundamentos educacionais, a coerência entre o que quer atingir em termos de educação com os procedimentos organizacionais e pedagógicos.

Alguns aspectos são considerados relevantes no processo de construção do projeto pedagógico de uma escola:

- ser participativo (envolve todos os membros da comunidade escolar);

- deve indicar as finalidades da educação e propor objetivos a médio e longo prazo;
- deve propor um currículo coerente com os objetivos educacionais: a organização das atividades curriculares, principalmente, a gestão da sala de aula, conforme as necessidades dos alunos (possibilidades e limitações para a formação da cidadania), a superação da rigidez dos espaços e tempos escolares (novas formas de apropriação dos saberes em novos cenários educacionais - ambiente virtual / mídias diversas / atividades extraclases).
- deve expor, com clareza e coerência, o seu conceito de avaliação e consequentes procedimentos e critérios de aprovação do aluno.

Atividades:

1. Visite uma escola para conhecer o seu Projeto Político-Pedagógico
2. Questione sobre os princípios que conduzem as atividades de aprendizagem dos alunos e como são avaliados. Verifique a coerência.

4. CURRÍCULO ESCOLAR

Você sabe o que significa **CURRÍCULO**?

Segundo o dicionário de Aurélio da Língua Portuguesa, a palavra currículo significa “ata-lho”, “ato de correr”.

No sentido educacional, o termo currículo refere-se ao caminho percorrido pelo aluno na construção do conhecimento. Percebe-se, então, a diferença entre essa forma de entender o currículo como um processo dinâmico em contraposição à ideia de currículo como sequência de disciplina de um curso.

O currículo, conforme o conceito exposto acima resulta na organização dos conhecimentos na escola, com reflexos relacionados ao modo de conduzir a aprendizagem, ou no redimensionamento das ações, conforme as linhas condutoras delineadas pelo projeto pedagógico.

Atualmente, fala-se em **INTERDISCIPLINARIDADE CURRICULAR**, logo você precisa ter compreensão do que é uma atividade curricular interdisciplinar.

Observe que todos os cursos têm uma matriz de disciplina curricular. Essa organização seqüencial de disciplina expõe, apenas, o que se deseja que seja ensinado em termos de conteúdos. Se cada professor responsável pela coordenação dos processos de ensino e de aprendizagem trabalhar os conhecimentos em sua sala de aula, com os seus alunos, de modo a não integrar os conhecimentos a outros, ligados à realidade prática do contexto social, ele apenas estará desenvolvendo informações.

Porém, se cada professor, ultrapassando os conhecimentos restritos à disciplina ministrada tentar o diálogo com outras formas de conhecimentos (senso comum, conhecimento científico e com outros objetos de conhecimentos, transpondo as barreiras entre as disciplinas, significa que estará tentando uma construção de novos saberes, através da pesquisa coletiva, das trocas e do diálogo; nessa perspectiva, a Interdisciplinaridade é uma dinâmica curricular que ultrapassa o pensar fragmentado na produção do conhecimento (FERREIRA, 2001).

Saiba Mais:

Texto complementar:

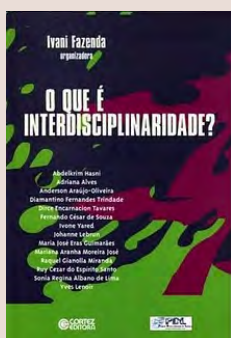
O artigo 13 da LDB é reservado exclusivamente aos docentes. A primeira incumbência prevista no inciso I do artigo 13 da LDB determina que cada docente deva participar da elaboração da **proposta pedagógica** do estabelecimento de ensino. A participação ativa do docente se faz necessária à elaboração da proposta pedagógica da instituição escolar.

A segunda incumbência, prevista no inciso II do artigo 13 da LDB, determina que cada docente deva **elaborar e cumprir plano de trabalho**, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino. O plano de trabalho docente é, ao certo, uma das atividades mais acadêmicas, produtivas e interessantes dos profissionais de ensino. A partir do plano de trabalho, o docente pode assinalar, no período letivo, suas metas curriculares e educacionais. Por exemplo, é a oportunidade de o docente propor e perseguir metas como o fim da evasão escolar e melhorar a qualidade do seu serviço educacional através de uma didática eficiente e eficaz, que tenha por principal finalidade o desenvolvimento da capacidade de aprender e de aprendizagem dos alunos.

A terceira incumbência, prevista no inciso III do artigo 13 da LDB, prescreve que cabe ao docente **zelar pela aprendizagem dos alunos**. Aqui, decerto, reforça, no processo ensino-aprendizagem, a aprendizagem como princípio do bom fazer pedagógico. O componente ensino, centrado no professor, refere-se à organização do material curricular a ser transmitido em sala de aula, em prol da aprendizagem que, aqui, passa a ser entendida como a construção e reconstrução dos conhecimentos e saberes historicamente acumulados pela sociedade.

Atividades:

3. Com base nessa reflexão, conclua sua leitura, expondo, de forma clara, como se dão as construções e (re) construções dos conhecimentos num curso, numa visão interdisciplinar.



Textos complementares, leia:

Interdisciplinaridade: o que é isso?

http://vsites.unb.br/ppgec/dissertacoes/proposicoes/proposicao_jairocarlos.pdf

<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT12-5478--Int.pdf>

5. OBJETIVOS E CONTEÚDOS

Todo tipo de planejamento educacional precisa determinar objetivos ou finalidades de educação. Sabe-se que, na atualidade, a escola deve promover a formação integral dos estudantes; é preciso definir claramente os objetivos que desenvolvam a autonomia e as competências necessárias para aprender a aprender, aprender a ser e aprender a conviver.

O termo “conteúdo” normalmente sempre foi utilizado para expressar os conhecimentos das matérias ou disciplinas clássicas. No entanto, segundo Zabala (1998), os conteúdos de aprendizagem não se reduzem às contribuições das disciplinas ou matérias tradicionais. Eles dizem respeito a todos aqueles conhecimentos que possibilitem o desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, de relação interpessoal e de inserção social.

Assim, os conteúdos dizem respeito a: dados, habilidades, técnicas, atitudes, conceitos, etc. Segundo Cool (1986 apud ZABALA, 1998), os conteúdos podem ser agrupados em conceituais, procedimentais ou atitudinais. “Esta classificação corresponde respectivamente às perguntas: O que devo saber? O que devo saber fazer? E como se deve ser?” (ZABALA, 1998, p 31).

Em geral, os conteúdos estão associados e são aprendidos em conjunto. Por exemplo: a aprendizagem factual da soma (código e símbolos) é aprendida juntamente com os conceitos de soma (união e conjunto), com os procedimentos dos algoritmos (cálculo mental e escrito) e os atitudinais (sentido e valor). Assim, as situações didáticas numa perspectiva construtivista têm que integrar, ao máximo, os diversos tipos de conteúdos para que a aprendizagem seja realmente significativa para os alunos.

Atividades:

4. Analise a afirmativa de Paulo Freire (1977, p. 81):

“A tarefa do professor é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza e não, a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de entendê-lo, de entregá-lo, como se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado”.

6. A ATUAÇÃO DO PROFESSOR / EDUCADOR



Figura 03

Segundo o educador Libâneo (1998), diante das realidades do mundo contemporâneo, são

exigidas novas atitudes docentes; o autor põe em evidência que, nos dias atuais, o aluno está em contato constante com as informações provenientes de diversas agências educacionais além da escola (meios de comunicação, empresas, clubes, igrejas, sindicatos, movimentos sociais), portanto a educação acontece em vários lugares. A escola deve ter a capacidade de fazer a síntese da cultura formal (conhecimento sistematizado) com a cultura da experiência.

São alguns desafios para o docente:

- planejar as ações pedagógicas a partir da realidade na qual atua;
- problematizar o estudo (conteúdos de aprendizagem, coordenando as discussões coletivas (interação com colegas e professores, a investigação, as reflexões críticas, a interpretação de informações e a produção dos conhecimentos como sujeito aprendente);
- prover os meios necessários às mediações cognitivas e interacionais, para introduzir os alunos no significado da cultura e da ciência;
- organizar as situações de ensino, articulando as aprendizagens prévias dos alunos, a comunicação e a transposição dos conhecimentos universais para os saberes escolares, possibilitando a construção de novos conhecimentos;
- empregar o diálogo presencial ou em ambientes virtuais, garantindo uma pedagogia interativa;
- utilizar a avaliação como um recurso de desenvolvimento da aprendizagem e da autonomia intelectual do aluno;

- atualizar os conhecimentos na sua área específica de atuação para adequá-los ao nível de escolaridade dos alunos.

Espera-se ainda como atitudes desenvolvidas pelo professor/educador que ele deva:

- ser ético;
- ter compromisso com a educação;
- ter respeito à heterogeneidade dos educandos em termos de raça, de crenças, de limitações cognitivas ou físicas e de classe social;
- ser disponível para o trabalho coletivo;
- ser aberto às inovações pedagógicas;
- ser reflexivo sobre a sua prática, avaliando-a constantemente, para redirecioná-la;
- ter compromisso político com a preservação do meio-ambiente.

A atuação do professor/educador na perspectiva da mediação pedagógica é de fundamental importância, articulando os conhecimentos construídos socialmente com as possibilidades de aprendizagem dos estudantes, tendo os seus planos de trabalho como fundamento para a melhoria das aprendizagens, através de uma didática eficiente e eficaz. Nesse enfoque, discutiremos esse tema no **segundo fórum temático** da disciplina.

7. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A docência requer que o professor tenha o domínio dos conhecimentos específicos de sua área de atuação, além do conhecimento dos aspectos mais importantes da intervenção pedagógica na educação infantil e no Ensino Fundamental.

São princípios básicos da intervenção pedagógica:

1 - Os conhecimentos a serem aprendidos somente terão significado para o aluno, se forem contextualizados

2 - A capacidade de atualização dos conhecimentos prévios está vinculada à sua riqueza e versatilidade, para se relacionar com os novos conteúdos.

3 - A apreensão dos conhecimentos depende da natureza das situações de aprendizagem como ajuda pedagógica.

4 - As capacidades para apropriação do conhecimento estão ligadas ao domínio de aprender a aprender.

Portanto, as intervenções pedagógicas, para que promovam atitudes favoráveis à aprendizagem, devem manter uma sequência didática focalizada:

- em atividades motivadoras;
- na criação do conflito cognitivo, com a ativação dos conhecimentos prévios;
- na negociação compartilhada da definição de objetivos e das atividades que devam ser realizadas (leituras, pesquisas bibliográficas e de campo, Internet e outros);
- na realização de tarefas que desenvolvam a atividade mental necessária à construção de significados (conceitos, noções, princípios).

Atividades:

5. Pesquise, no documento “Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental”, os objetivos do ensino fundamental no primeiro ciclo e reflita sobre a coerência do que está previsto nos PCNs e a sua prática pedagógica.
6. Trace um perfil para o docente/educador, incluindo capacidades desenvolvidas e atributos necessários à nossa realidade socioeducacional.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. Filosofia da Ciência. São Paulo: Edit Brasiliense, 1982.

_____. Integração como proposta de uma nova ordem na Educação. IN, Linguagens, Espaços e Tempos no Ensinar e no Aprender. Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE). R.J.: DP&A, 2000.

FERREIRA, Maria Elisa de M. P. Ciência e interdisciplinaridade. IN. FAZENDA, Ivani C. Arante (org) Práticas Interdisciplinares na Escola. São Paulo: Cortez Ed., 2001.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho. O conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GANDIN, D. A Prática do Planejamento Participativo. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. CRUZ, Carlos Carrilho. Planejamento na sala de aula. Porto Alegre, 1995.

_____. Planejamento como prática educativa. 7.ed. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. Posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade. Currículo sem Fronteira, v.1, n. 1, jan./jun., 2001, pp. 81-95.

LIBÂNEO, J. C. Organização e gestão escolar: teoria e prática. 4. ed. Goiânia: Editora alternativa, 2001

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus Professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Papyrus, 1998.

PADILHA, R. P. Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001

SANT'ANNA, F. M.; ENRICONE, D.; ANDRÉ, L.; TURRA, C. M. Planejamento de ensino e avaliação. 11. ed. Porto Alegre: Sagra / DC Luzzatto, 1995.

VEIGA, I. P. (Org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2001.

VASCONCELOS, Celso. Planejamento, Projeto de Ensino-aprendizagem e Projeto Pedagógico. São Paulo: Libertas, 1999.

ZABALA, A. A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS E A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Profa. Luciane Borges do Rêgo
Profa. Maria Vitória Ribas de Oliveira Lima

Carga Horária | 15 horas

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Perceber a mediação pedagógica como um processo que envolve professor-cohecimento – aluno e recursos didáticos;
- Utilizar recursos pedagógicos e tecnológicos numa perspectiva criativa;
- Relacionar a utilização do livro didático de forma significativa para o aluno;
- Identificar formas de utilização dos recursos tecnológicos nos processos de ensino e de aprendizagem;
- Definir o papel do professor diante dos desafios sócio – educacionais da atualidade.
- Diferenciar modelos e concepções de organização escolar

INTRODUÇÃO

Os processos de ensino e de aprendizagem tiveram sua principal revolução tecnológica provocada por Comenius (1592-1670) quando transformou o livro impresso em um artefato didático, surgindo, assim, a cartilha e o chamado livro texto.

O uso de recursos pedagógico/tecnológicos, nos processos de ensino e de aprendizagem, é algo comum e corriqueiro no cotidiano escolar. Recursos do tipo impresso, quadro de giz, flanelógrafo, livro didático e retroprojetor são os mais conhecidos e aceitos pelos educadores.

As recentes mudanças socioculturais e tecnológicas têm gerado incessantes avanços na organização social e no pensamento humano. Recentemente, com a disseminação das tecnologias da informação e da comunicação, todos estão de certa forma envolvidos e desafiados, e a escola não fica fora desse contexto.

1. O PROCESSO DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA



No contexto da sala de aula, ocorrem os processos de ensino e de aprendizagem, e, como diz Freire,

“Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento” (Freire, 1996).

Assim, o professor deve ter o compromisso de ensinar para que o aluno aprenda e, nessa perspectiva, deve atuar como um mediador. Os professores são mediadores pedagógicos entre conhecimento e aluno. Nesse processo de mediação, encontram-se envolvidos: professores, alunos e os meios e os recursos didáticos que podem favorecer os processos de ensino e de aprendizagem.

Os educadores precisam aprender a incorporar essas tecnologias no cotidiano escolar, integrando-as aos demais recursos comumente utilizados nas suas atividades didático-pedagógicas.

Neste capítulo, abordaremos concepções e formas de utilização dos recursos pedagógicos nos processos de ensino e de aprendizagem e a importância da mediação do professor para construção do conhecimento pelos alunos.

A mediação pedagógica envolve professor  conhecimento  aluno. Nesse processo, o professor, além de conhecer muito bem sua disciplina (o objeto de conhecimento), precisa entender como o aluno aprende e considera o contexto social no qual está inserido e, assim, situar-se perante as teorias pedagógicas e as recentes descobertas da psicologia da aprendizagem.

Nos processos de ensino e de aprendizagem, comumente, utilizam-se diversos instrumentos mediadores, como textos, folhetos, giz, lápis e caneta, rádio, TV e vídeo, tendo por meta a participação, a criatividade, a expressividade e a relacionalidade.

Segundo Paul Ricoeur (1983:40 apud GOMEZ 2004), “a mediação é simbólica, é uma síntese da experiência com a linguagem e com o mundo”. Dessa forma, as mediações são realizadas pelo sujeito cognoscente, num processo de interação com seus pares e com o mundo.

Então, para exercer sua atividade mediadora com sucesso, o professor sempre utilizou recursos pedagógicos, ou seja, instrumentos mediadores. Contudo, a cada dia, os desafios aumentam e exigem que o professor esteja atento com todos os recursos de que dispõe e que rodeiam a escola e o cotidiano dos alunos.

Ultimamente a preocupação maior tem sido com um ensino e uma educação de qualidade que integrem todas as dimensões do ser humano, no que se refere aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, possibilitando que, em suas palavras e nas ações, estejam sempre evoluindo, mudando, avançando.

A apropriação do educador das descobertas científicas, reconhecendo as mediações da cultura contemporânea e contribuindo para a criação de novas descobertas, pode contribuir com a qualidade do ensino e da aprendizagem.

Saiba Mais:

Texto complementar:

Link para livro de Paulo Freire- Pedagogia da Autonomia.

http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_da_Autonomia.pdf

Saiba Mais:

MEDIAÇÃO - é o conceito-chave de Vygotsky. Segundo a teoria vygotskiana, toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos – por exemplo, as ferramentas agrícolas, que transformam a natureza – e a da linguagem – que traz consigo conceitos consolidados da cultura à qual pertence o sujeito.

Todo aprendizado é necessariamente mediado – e isso torna o papel do ensino e do professor mais ativo e determinante que o previsto por Piaget e outros pensadores da educação, para quem cabe à escola facilitar um processo que só pode ser conduzido pelo próprio aluno. Segundo Vygotsky, ao contrário, o primeiro contato da criança com novas atividades, habilidades ou informações deve ter a participação de um adulto que atue como mediador e contribua para o desenvolvimento e a aprendizagem do infante.

2. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Construir conhecimento significa a forma própria e pessoal que cada pessoa conhece e compreende todas as dimensões da realidade e como expressa essa totalidade de forma mais ampla. Aprendemos mais e construímos melhor as informações à medida que conectamos, juntamos, relacionamos, acessando o conhecimento de todos os pontos de vista, por todos os meios, integrando-os da forma mais rica possível (MORAN, 2000).

Conforme Moran, processamos informações de várias formas, segundo nosso objetivo e o nosso universo cultural. Comumente conhecemos o processamento lógico-sequencial, mas, no mundo atual, rodeado das tecnologias da informação e da comunicação, as formas de processar a aprendizagem ocorrem também de forma hipertextual e multimídia.

PROCESSAMENTO DE FORMA LÓGICO – SEQUENCIAL é a forma mais habitual que conhecemos, expressa na linguagem falada e escrita, construindo-se o sentido aos poucos. A construção se dá paulatinamente, em sequência concatenada.

PROCESSAMENTO DE FORMA HIPERTEXTUAL pode ser lógico, coerente, mas não segue uma única trilha previsível, sequencial e, sim, em “ondas”, por meio de diversos links. Ele ocorre quando trabalhamos com pesquisa, projetos de médio prazo, utiliza-se o processamento hipertextual com muitas conexões, convergências e divergências.

PROCESSAMENTO DE FORMA MULTIMÍDICA é mais livre, menos rígido, com conexões mais abertas, que passam pelo sensorial, pelo emocional e pela organização racional. Em geral, ocorre de forma provisória e se modifica com facilidade, cria convergências e divergências instantâneas e precisa de respostas imediatas, acrescentando trechos de várias linguagens (telecomunicativas e informatizadas).

Na sociedade atual, convivemos com essas diferentes formas de processamento que utilizamos, conforme nossa bagagem cultural, nosso interesse e nossos objetivos. Não podemos permanecer em uma ou em outra forma de lidar com a informação, podemos utilizar todas em diversos momentos, mas, com certeza, teremos mais resultados, se, com base nas informações multimídicas, buscarmos a hipertextualidade e, por fim, nos concentrarmos no lógico sequencial. O professor, nesse contexto, deve criar e/ou usar meios que favoreçam essas conexões. Deve-se colocar como um profissional que aprende com a prática e ensina valendo-se do que aprende.

Mas o uso adequado de qualquer tecnologia exige de professores e de alunos uma postura crítica perante todos os recursos de que dispõe para, assim, poder realizar uma escolha consciente, conforme a necessidade e os objetivos de aprendizagem dos alunos. Sabe-se que todos os recursos pedagógicos não são meros artefatos, mas estão carregados de significados culturais e exercem influência no nosso comportamento pessoal e profissional, definindo nossas escolhas.

No processo de planejamento e de utilização dos recursos didáticos e tecnológicos, o professor deve adotar alguns princípios didático-metodológicos, como:

- integrar tecnologias, metodologias, atividades.

- integrar textos escritos, comunicações orais, escritas, hipertextuais e multimídicas, transitando de uma mídia para outra, experimentando as mesmas atividades em diversas mídias.
- diversificar a forma de trabalhar o conhecimento, utilizando-se das diversas técnicas e dinâmicas em sala de aula e no processo de avaliação.
- valorizar os recursos mais comuns, como os impressos no que têm de melhor e as mais recentes tecnologias da informação e da comunicação no que elas podem favorecer a melhoria da aprendizagem do aluno.

3. RELAÇÃO ENTRE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO E O USO DAS TECNOLOGIAS

O processo de ensino é sempre mediado por tecnologias, mas a forma como vamos utilizá-las pode manter as relações verticais entre professor - aluno ou possibilitar a interação com as informações e com a construção individual e coletiva do conhecimento.

Importante - Não são os recursos utilizados que vão ampliar o conhecimento, mas a maneira como será utilizado para favorecer a mediação entre professor - aluno - conhecimento ou, apenas, para a transmissão de conteúdos. Os processos de ensino e de aprendizagem dependem muito mais das pessoas envolvidas, das interações que das tecnologias, seja o livro, o giz ou o computador e as redes.

Existem vários tipos de interação e de comunicação com o apoio de recursos tecnológicos. A interação pressupõe envolvimento. A princípio, pode-se dizer que interagimos com pessoas, animais, plantas, ambiente que nos cerca; aluno, colegas, professor, livro que lemos, conteúdo divulgado na televisão, no jornal, na revista, no rádio e no computador e com todos os meios de informação a que possamos ter acesso. Essas interações podem ser do tipo unidirecional ou bidirecional. Nas situações em que o sujeito permanece passivo frente aos recursos tecnológicos, a interação é unilateral. Nos casos em que há troca comunicativa, ela é bidirecional e pode ser de forma presencial ou a distância, por meio de recursos tecnológicos. Na comunicação a distância, por meios tecnológicos, há, entre os participantes, **interatividade**.

“Contudo, para transformar informações em conhecimento, é preciso um trabalho processual de interação, reflexão, discussão, crítica e ponderações que é mais facilmente conduzido, quando partilhado com pessoas”. (KENSKI, 2003).

Saiba Mais:

TECNOLOGIA - do grego tekhnō (de tékhnē, arte) e logía (de logos, ou “linguagem proposição”).

Tecnologia é um termo usado para atividades de domínio humano, embasada no conhecimento, manuseio de um processo e ou de uma ferramenta, e que tem possibilidade de acrescentar mudanças aos meios por resultados adicionais à competências natural, proporcionando, desta forma, uma revolução na capacidade das atividades humanas, desde os primórdios do tempo.

Você sabia que **TECNOLOGIA**, no sentido amplo do termo, possuía esse significado?

Saiba Mais:

INTERATIVIDADE - não apenas como potencialidade dos suportes digitais, mas como possibilidade de o usuário participar, ativamente, interferindo no processo com ações e reações. (Lèvy, 1999).

TEXTO COMPLEMENTAR

Link para texto que diferencia informação e conhecimento.

<http://www.energiabalneario.com.br/antunes/texto5.pdf>

4. O USO DOS RECURSOS DIDÁTICO/ TECNOLÓGICOS NOS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

4.1. O LIVRO DIDÁTICO

É o material que exerce maior influência na prática de ensino e de aprendizagem. Sua utilização tem sido motivo de muitas críticas. É preciso que professores estejam atentos à qualidade, à coerência e aos objetivos propostos nos livros-textos. Além disso, o Livro Didático não deve ser utilizado como a única ou principal fonte de informações, pois a variedade de meios favorece o aluno a adquirir uma visão ampla do conhecimento trabalhado.

O livro didático continua sendo um importante instrumento de trabalho e de pesquisa, mas o sucesso de uma turma depende da capacidade de o professor e de o aluno utilizá-lo. Ele deve ser considerado como um dos meios didáticos para alcançar bons resultados na aprendizagem dos alunos. Caso o livro didático seja tratado como um fim, o professor perderá a essência do seu fazer pedagógico.

O ideal é que sejam trabalhados vários títulos em cada disciplina e, assim, poder comparar e perceber como mudam as visões sobre o mesmo fato.

Deve-se analisar o livro didático quanto aos (às):

- erros conceituais;
- preconceitos de crença, de etnia, de gênero, de classes sociais, dentre outros;
- transposições didáticas inadequadas e descontextualizadas;
- exercícios que priorizem a memorização.

4.2. MEIOS DE COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL

Somos educados, também, pelas mídias, como o rádio, o cinema e, principalmente, a televisão.

Saiba Mais:

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e se iniciou com outra denominação, em 1929. Ao longo desses quase 70 anos, o programa se aperfeiçoou e teve diferentes nomes e formas de execução. O PNLD é voltado para o ensino fundamental público, incluindo as classes de alfabetização infantil.

A partir de 2001, o PNLD ampliou sua área de atuação e começou a atender, de forma gradativa, os alunos portadores de deficiência visual que estão na sala de aula do ensino regular das escolas públicas, com livros didáticos em Braille.

Em 2004, com a Resolução nº 40, de 24/8/2004, ficou instituído o atendimento também aos estudantes deficientes das escolas de educação especial públicas, comunitárias e filantrópicas, definidas no censo escolar, com livros didáticos de língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia e dicionários.

Maiores informações acesse o site do MEC:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12391&Itemid=668

Segundo Moran (2000), os meios de comunicação, como a televisão, o cinema e o vídeo, exploram a comunicação sensorial, emocional e racional, superpondo linguagens e mensagens que facilitam a interação com o público. A força da comunicação audiovisual está no fato de ela dizer mais do que podemos captar, pois trabalha simultaneamente com som, imagem, textos escritos e orais. A escola precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendando códigos, possibilidades de expressão e possíveis manipulações ideológicas.

4.3. A UTILIZAÇÃO DA TELEVISÃO E DO VÍDEO NA ESCOLA

A utilização de televisão e de vídeos na escola não é novidade, mas ainda há muita resistência, além de a forma de utilização ser inade-

quada, muitas vezes só para ocupar o tempo pedagógico, sem nenhum objetivo de ensino e de aprendizagem.

O Programa TV Escola, do Ministério da Educação foi implantado desde 1996, na maioria das escolas públicas de níveis fundamental e médio, equipadas com TV, vídeo, antena parabólica, catálogos da programação e revistas que debatem temas educativos e divulgam as experiências bem sucedidas com o uso da TV e do vídeo na Escola Básica. Mas a TV Escola não alcançou o resultado esperado e, em muitas escolas, a TV e o vídeo continuam subutilizados.

Considera-se necessário que os cursos de formação dos professores contemplem, em suas Matrizes Curriculares, disciplinas que fundamentem e que preparem os professores para utilizar adequadamente os recursos tecnológicos. Vejamos, a seguir, algumas sugestões de utilização da TV e do vídeo na educação escolar.

4.4. O USO DO VÍDEO E SUAS FUNÇÕES

O vídeo pode ser utilizado na:

Sensibilização – para introduzir um novo assunto, para despertar curiosidade, motivação para novos temas.

Ilustração – para mostrar e compor cenários desconhecidos dos alunos. Vídeos históricos ou que trazem realidades distantes dos alunos.

Simulação – em geral, para apresentar simulações mais sofisticadas. Exemplos: simulação de experiências de química que seriam perigosas em laboratórios ou na área de ciências, que mostram o crescimento acelerado de uma planta – da semente até a maturidade.

Conteúdo de ensino – para apresentar um determinado assunto de forma expositiva ou problematizadora. De forma expositiva trata o tema específico e orienta a interpretação; de forma problematizadora mostra o tema, permitindo abordagens múltiplas e interdisciplinares.

Saiba Mais:

MÍDIAS - termo usado para referenciar um vasto e complexo sistema de expressão e de comunicação.

Literalmente “mídia” é o plural da palavra “meio”, cujos correspondentes em latim são “media” e “medium”, respectivamente.

Na atualidade, mídias é uma terminologia usada para: suporte de difusão e de veiculação da informação (rádio, televisão, jornal), para gerar informação (máquina fotográfica e filmadora).

A mídia também é organizada pela maneira como uma informação é transformada e disseminada (mídia impressa, mídia eletrônica, mídia digital...), além do seu aparato físico ou tecnológico empregado no registro de informações (fitas de videocassete, CD-ROM, DVDs).

Produção – como documentação, registrar aulas, eventos, experiências e, como intervenção, quando professores e alunos modificam um programa, editando o material e/ou introduzindo novas cenas ou trilha sonora.

Vídeo/espelho – para realizar análise do grupo e dos papéis de cada um. Possibilita compreender comportamentos, gestos e posturas.

4.5. A TELEVISÃO

A programação da televisão aberta, também, pode ser analisada por professores e alunos para refletirem o conhecimento necessário à formação de um cidadão, tendo como base a realidade sociocultural.

Um fenômeno da natureza, por exemplo: o aumento do calor no nosso planeta pode ser um bom motivo para interpretações e explicações numa perspectiva interdisciplinar, envolvendo conhecimento das Ciências Biológicas, da Física, da Química, dentre outras. Para isso, o professor pode desenvolver dinâmica de análise em conjunto, destacando as cenas mais importantes e comentando-as com os alunos. Uma análise da linguagem, destacando as principais ideias que o programa transmite; os aspectos não esclarecidos; mensagens questionáveis e a ideologia perpassada pelo programa em foco.

4.6. O COMPUTADOR E A INTERNET

O computador é um objeto cada dia mais poderoso em recursos, velocidade, programas e comunicação. Mas seu uso no cotidiano escolar ainda não é algo frequente. Precisamos

de projetos políticos que busquem diminuir a distância, separando os que podem e os que não podem pagar pelo acesso à informação virtual; e, também, que favoreçam o acesso de professores e de alunos aos laboratórios de informática, ajudando-os na familiarização com o computador e na utilização de atividades cotidianas da sala de aula, nos processos de ensino e de aprendizagem.

Conforme o objetivo de aprendizagem, o computador pode ser utilizado em atividades que explorem desde os aplicativos, como Word, Excel, PowerPoint, até a Internet.

Sugestões didático-metodológicas para utilizar a Internet:

1. **Aulas-pesquisa** – nas quais professores e alunos acessam a Internet, procuram novas informações, buscam resolver um problema, desenvolvem uma experiência, avançam em um tema desconhecido. Nesse ambiente, o professor deve ser o gerenciador do processo de aprendizagem, o coordenador de todo andamento da pesquisa, do ritmo adequado.

A pesquisa na Internet deve ser orientada pelo professor e pode ser realizada em grupos ou individualmente, a qual deve começar de forma aberta, dando os temas sem referências a sites específicos, para que os alunos pesquisem conforme suas experiências e conhecimentos prévios. Eles devem guardar os endereços acessados, os artigos e as imagens mais interessantes e depois socializar com os demais grupos. Deve se destacar a importância de aprender por meio da colaboração, da cooperação, e não da competição.

Atividades:

1. Assista a dois telejornais de canais diferentes e leia um jornal impresso sobre uma mesma notícia, de preferência sobre educação. Observe as variações entre os três, o tratamento dado às notícias e à relação entre os textos e as imagens.

Num segundo momento, a pesquisa deve ser mais focada. O tema pode ser pesquisado no mesmo endereço, por todos. A troca de informações é importante à divulgação dos principais resultados. Em outro momento, vários temas e endereços de sites devem ser distribuídos para cada grupo de alunos, possibilitando sempre a socialização dos temas pesquisados.

Em qualquer atividade de pesquisa, seja na Biblioteca ou na Internet, o importante é que os alunos sejam estimulados a desenvolver a argumentação e a explicar os resultados das pesquisas para certificar-se de que não são cópias e, assim, garantir uma reflexão sobre o trabalho.

2. **Construção de espaço de interação** - o professor pode criar uma local na Internet, para encontros e divulgação, um ponto de referência para os alunos. Local onde o aluno encontre uma lista de discussão ou fórum. Mensagens instantâneas. Uma central de documentos, na qual é colocado o material de estudo do curso ou da disciplina e a produção dos alunos.

5. ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E O USO DAS TECNOLOGIAS

A gestão e organização escolares, para serem eficazes no contexto educacional da atualidade, de acordo com a Lei 9396/96, devem ser democráticas e participativas, tendo a ne-

cessidade de construir e de implementar um projeto político pedagógico que possibilite a prática profissional coletiva, discutindo os aspectos multidimensionais das inovações e das mudanças em gestão da educação e as possibilidades de uso dos recursos tecnológicos na escola, entre outras problemáticas.

Assim, na construção do projeto pedagógico da escola, a comunidade escolar deve discutir as formas de uso das tecnologias nos processos de ensino e de aprendizagem, questionando: que tecnologias precisam utilizar, para que e como.

Essas questões devem ser levantadas, para que todos os atores envolvidos tenham conhecimento das possibilidades de uso, como e quando podem utilizar os recursos didáticos/tecnológicos disponíveis na escola.

Nesse contexto, o plano de ação escolar precisa atender ao diagnóstico da realidade escolar, definindo os objetivos, as metas e as atividades a serem desenvolvidas em função das prioridades. Deve ser consolidado em um documento que detalhe as diretrizes de todo o processo e as expectativas da comunidade escolar.

O projeto político pedagógico constitui-se num processo democrático de decisões, não apenas de um mero documento, mas da execução coletiva desse processo de ação e de reflexão. Ele instaura formas de organização pedagógica e diminui a fragmentação do trabalho em sua globalidade, alcançando, assim, uma gestão participativa e consciente do que dispõe e do que é capaz de realizar.

Portanto, as tecnologias, na escola, precisam ser inseridas no projeto pedagógico da escola e nos projetos de ação dos professores para que sejam utilizadas com finalidades educativas construtivas e não para ocuparem um tempo pedagógico sem planejamento e sem objetivos de ensino e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental -Vol 1. Brasília: MEC/SEF. 1997.

BRASIL. Proinfo. Informática e Formação de Professores Vol. 1. SEED/MEC. Brasília: Ministério da Educação. 2000.

GOMES. M. V. Educação em Rede. Uma visão emancipatória. São Paulo: Cortez: 2004.

KENSKI, V. M. Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância. Campinas: Papyrus, 2003

LIBÂNEO. J. C. Didática. São Paulo. Cortez, 1992 (Coleção Magistério).

MORAN. J. M ; MAZETTO, M.T; BEHRENS, M.A. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. Campinas: Papyrus, 2000.

RICARDO. Paulo. Os Bons Companheiros. Revista Nova Escola. Ed. Abril. Ano XVI. Nº 140. Março. 2001.

Saiba Mais:

PARA REFLETIR E DISCUTIR NO 3º FÓRUM TEMÁTICO.

As tecnologias têm sido utilizadas mais para ilustrar o conteúdo do professor que para criar novos desafios didáticos que favoreçam a aprendizagem. (MORAN 2005)

SUGESTÃO DE SITES

www.abt-br.org.br

www.nied.unicamp.br

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/>

www.abed.org.br

<http://www.wikipedia.org/wiki/>

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Profa. Luciane Borges do Rêgo
Profa. Maria Vitória Ribas de Oliveira Lima

Carga Horária | 15 horas

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Elaborar uma concepção de avaliação da aprendizagem numa perspectiva construtiva.
- Identificar a diferença entre a avaliação pontual classificatória e a avaliação processual.
- Explicar como os instrumentos avaliativos são recursos adequados para qualificar a aprendizagem do aluno.
- Definir as funções da avaliação nos processos de ensino e de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Este capítulo aborda uma questão pedagógica muito discutida por alunos e por professores. Trata-se da AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.

Como recurso pedagógico, a avaliação tem sido objeto de estudos e de debates. Ao longo dos anos, a escola tem compreendido o ato de avaliar com base em diversos parâmetros, tornando-se, por vezes, motivo de punição, ora de “cobrança” do que o aluno pôde reter, quanto ao que foi “ensinado”, ora para classificar por meio de uma simples pontuação, com base em questões respondidas, ampliando até a visão mais complexa da relação entre os processos de ensino e de aprendizagem numa perspectiva formativa.

Os textos a seguir colocam ideias sobre a avaliação da aprendizagem, considerando o sujeito que aprende, suas possibilidades e limitações e o professor, que, na coordenação dos processos de ensino e de aprendizagem, é um observador que “vê” o aluno e o conhecimento em sua totalidade, aberto ao diálogo, à negociação e ao redirecionamento das ações.

Apesar de todo ato avaliativo ser considerado arbitrário (pois “carrega” em si os vieses de quem o desenvolve), a prática avaliativa atual, fundamentada em estudos consistentes, vem superar as visões tradicionais e tecnicistas para avançar numa perspectiva que favoreça o aluno na apreensão do seu conhecimento.



1. A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: ELABORANDO UMA CONCEPÇÃO

É comum entre as pessoas, inclusive entre familiares de alunos, professor e mesmo entre os próprios estudantes, conhecer a avaliação, na escola, como um instrumento de mensuração que o aluno apresenta em relação aos objetivos previstos. Diferentemente do que afirma Zabala (1998), ou seja, “o verdadeiro objetivo da avaliação deve ser conhecer para ajudar”, ainda perdura a concepção de que a avaliação escolar é associada a padrões de excelência, a partir dos quais os alunos são promovidos a séries e/ou à modalidade de ensino posterior. Segundo a visão acima referida, os aprendizes são comparados aos demais alunos e classificados mediante diversos instrumentos, muitas vezes, ao fim do processo. A preocupação com os resultados avaliativos, em termos pontuais, não dá margem aos professores conhecerem como ocorreu o processo de apropriação do conhecimento bem como o real desenvolvimento de suas competências. Isso significa que o professor precisa avaliar continuamente, utilizando prova escrita, apresentação oral, demonstração, relatórios, como instrumentos auxiliares da aprendizagem.

Uma visão equivocada de avaliação, como julgamento de resultados finais é considerada por Hoffman (1995) como aquela que se apresenta como classificatória e burocrática. Caracterizada por registros bimestrais ou semestrais e, geralmente, após tarefa ou prova desvinculada do processo de construção dos saberes escolares pelo aluno, essa forma de avaliação escolar segmenta o conhecimento, além de não informar o professor sobre o real desenvolvimento dos aprendentes.

Assim, a avaliação classificatória apresenta-se como um procedimento de verificação por

meio de instrumentos burocraticamente exigidos pelo controle ou pelo registro escolar.

Compreende-se, então, que a avaliação das aprendizagens realizadas pelo aluno desenvolve-se “ao longo dos processos de ensino e de aprendizagem, possibilitando fornecer informações para regulação do trabalho do professor e dos alunos” (SILVA, 2003), no sentido de que o auxilia a (re) elaborar o seu conhecimento. Assim pensada, a avaliação é um recurso pedagógico utilizado pelo professor, que, após estabelecer uma relação próxima com o aluno e uma observação criteriosa, decide meios adequados de intervir no processo de aprendizagem, atendendo às diferenças individuais. Portanto, o processo de avaliação não se resume, apenas, a exames e à atribuição de pontuação e de notas, mas se propõe a fins formativos.

2. AVALIAÇÃO MEDIADORA

Nessa perspectiva, a AVALIAÇÃO DO ALUNO:

- faz parte do processo de elaboração do(s) conhecimento(s), sendo, assim, considerada formativa;
- não deve ser um instrumento de punição, mas um procedimento auxiliar da aprendizagem;
- valoriza o que ele já sabe, portanto, desenvolve a sua autoestima;
- busca compreender suas dificuldades, favorecendo o seu avanço com base nas observações relativas ao modo como ele organiza o seu pensamento;
- prevê a diversificação das situações de ensino.

Avaliar não é só mensurar (medir) em termos quantitativos, uma vez que são solicitados do professor os resultados das aprendizagens por meio de notas. Contudo, na interpretação desses dados (pontuação/notas) o que importa, é considerá-los em função da qualidade das aprendizagens (produto do processo).

Segundo o posicionamento de Hoffman (2003), os professores não são “culpados” dos resultados obtidos pelos alunos, mas são, sim, responsáveis. Dando continuidade, a autora afirma que o “conhecimento é construído lentamente, sempre de uma visão menos diferenciada e integrada dos objetos para uma visão mais diferenciada e integrada”. Isso significa que, no trajeto da aprendizagem, quem aprende precisa realizar diferentes aproximações relativas às aquisições de um objeto de conhecimento por meio de formas e de mediações diferenciadas.

Então, uma avaliação que se quer “mediadora” suscita um acompanhamento pedagógico, que inclui sucessivas provocações, propõe problemas, analisa as reações, adaptando novas perguntas às respostas dos alunos e variando e ampliando os meios de observação sobre eles. Se a escola opta por uma avaliação no sentido de processo educacional, essa escolha vai exigir a superação do paradigma centrado no ensino linear e uniforme.

Saiba Mais:

No ensino que temos, testa-se muito e avalia-se pouco. A avaliação implica sempre aprendizagem e nasce do desejo de conhecer. Pelo contrário, com os testes, confirmamos o saber ou a ignorância, mas, como professores ou como alunos, aprendemos pouco.

Exercida como atividade a serviço do conhecimento, a avaliação tem de desempenhar uma importante função formativa no processo de aprendizagem. Mas a avaliação não se limita a testes, aqueles exercícios de aprendizagem que se transformam em instrumentos de segregação e, em muitos casos, dão origem à exclusão.

A preocupação com a ação ética da avaliação, mais que com a sua objetividade, é a garantia de que esta ficará a serviço daqueles que aprendem: tanto do professor, que quer desenvolver o seu saber-fazer docente, como do aluno, que tem de assegurar uma aprendizagem que lhe abra as portas da inclusão e da participação nos bens culturais e científicos. Precisamos acabar com a ideia de que a escola é um órgão de controle social e lutar para que a sua função seja a promoção do conhecimento daqueles que a frequentam.

3. REFLETINDO A PRÁTICA: COMO PROPOR UMA AVALIAÇÃO QUALITATIVA

Ao propor à escola uma mudança na prática pedagógica e, em especial, na forma de avaliar, surgem fortes questionamentos entre professores. Alguns resistentes à mudança e outros que, apesar de concordarem com as propostas, adiam o momento de efetivá-las, temendo os novos desafios.

A ânsia do ato de corrigir é produto de uma escola que, no dizer de Luckesi (1998), cultua a “pedagogia do exame”, quando, conforme Hoffman (2003), “a magia do avaliar está na descoberta da complexidade do ato de aprender”.

Valendo-se das ideias apresentadas nos textos, alguns questionamentos podem surgir, tais como:

- o que é necessário para que se avalie, de forma qualitativa, o aluno?
- se a subjetividade está presente nas avaliações escolares, como proceder o ato avaliativo, com base em qualquer instrumento adotado no processo educativo-pedagógico, que o aproxime da objetividade?
- como possibilitar uma avaliação fundamentada em critérios estabelecidos?

No cotidiano escolar, diversos tipos de instrumento são aplicados aos alunos, sendo considerada a importância de cada um deles, segundo a necessidade do momento e dos objetivos definidos no planejamento pedagógico. A diversidade dos procedimentos e dos instrumentos avaliativos depende da constatação face às aquisições realizadas pelo aluno bem como da dinâmica da avaliação formativa. O que é inaceitável é o uso autoritário dos procedimentos avaliativos.

Portanto, vários tipos de atividade possibilitam ao aluno ser avaliado: questões de múltipla es-

colha, questões discursivas, trabalhos de pesquisa, exposições e debates orais, experimentações e demonstrações, desenhos, esquemas, maquetes, relatórios, dentre outros.

Deve-se ter clareza em relação aos critérios que serão aplicados para avaliar com base nos procedimentos e nos instrumentos; isso implica elaborá-los em consonância com os objetivos e as competências previstos para a aprendizagem e tendo em vista os aspectos mais ou menos relevantes, expressos por conceitos ou por representação numérica (pontuação). As anotações (registros) referentes aos procedimentos e aos instrumentos utilizados, individualmente ou em grupo, devem expressar a evolução do aluno ou as principais e recorrentes dificuldades (HOFFMANN, 2003).

Na dinâmica avaliativa, o professor, ao escolher uma atividade de múltipla escolha na elaboração das questões, deve:

- evitar o enfoque apenas memorístico;
- rejeitar as alternativas ambíguas;
- apresentar um enunciado contextualizado, expressando uma situação-problema;
- descartar as questões chamadas “casca de banana”.

Na elaboração de questões dissertativas, devem ser observados os seguintes aspectos:

- clareza na redação, face à solicitação ao aluno;
- previsão de critérios de correção pelo professor, a fim de minimizar a subjetividade.

Saiba Mais:

TEXTO COMPLEMENTAR

(ampliando o conhecimento)

<http://udemo.org.br/Avaliar.pdf>

<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v26n90/a13v2690.pdf>

LEMBRETES

Princípios norteadores da avaliação dos processos de ensino e de aprendizagem

TRANSPARÊNCIA – informações prévias acerca dos critérios.

NEGOCIAÇÃO – não centrada apenas na emissão do juízo de valor do professor; considera os sujeitos avaliados.

ARTICULAÇÃO – gestão, projeto pedagógico, comunidade, professores, política educacional, conselho escolar.

FLEXIBILIDADE – novas oportunidades de ensino.

POSITIVIDADE – ressignifica os “erros” as “verdades provisórias”; tem compromisso com o avanço do aluno; amplia e preserva a autoestima do aluno; instiga a curiosidade e a descoberta.

PARA REFLETIR E DISCUTIR NO 3º FÓRUM TEMÁTICO:

Avaliação processual e somativa: um dilema a ser resolvido?

4. O PAPEL CONSTRUTIVO DO ERRO NA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

O entendimento de que o “erro” pode resultar de vários fatores, envolvendo escola, o currículo, a prática educativa do professor e o esforço dos alunos tem levado os educadores a uma nova concepção do processo de avaliação.

O “erro”, nessa perspectiva, era visto por Demóstenes como uma esperança e, dessa forma, busca-se o caminho a percorrer no sentido certo. OAERESHOT apud AQUINO (1997, p.12) afirma “a aprendizagem não começa com a ignorância, mas com o erro”.

Dessa forma, o professor deve levar o aluno a se conscientizar do “erro” cometido, levando-o a reconhecer que se trata de um problema a ser superado.

Nesse sentido, ele não será visto como uma derrota, mas um novo ponto de partida. O professor deve avaliar o progresso de seu aluno com esse mesmo espírito positivo, refletindo sobre o que ele já sabe e não sobre o que não sabe.

O “erro” deriva da existência de um padrão já estabelecido. Caso a conduta não corresponda ao padrão, o professor costuma avaliar como desvio e não como caminho já percorrido em direção ao acerto.

Nesse contexto, pode-se considerar a avaliação como mediação do processo ensino-aprendizagem e não como um fim em si mesmo, ou como instrumento de coação, de punição e de marginalização.

A avaliação deve ser um meio para professor e aluno caminharem rumo aos objetivos, considerando o progresso e o percurso em relação ao que já aprendeu e o que falta aprender. Assim, a avaliação será exercida como mediação entre professor, aluno e saber, servindo de reorientação do processo de ensino e de aprendizagem na direção dos objetivos propostos. A avaliação pode e deve possibilitar continuidade do processo educacional, mas precisa ser colocada a favor da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Almerindo Janela. *Avaliação Educacional: regulação e emancipação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- ALVES, Rubens. *Filosofia da Ciência*. São Paulo: Edit Brasiliense, 1982.
- BOAS, Benigna Maria de Freitas Villas (org.). *Avaliação: Políticas e Práticas*. São Paulo: Papyrus, 2000.
- DEMO, Pedro. *A avaliação sob o olhar propedêutico*. São Paulo. Papyrus.1996.
- FRANCO, Maria L. P. B. *Pressupostos Epistemológicos da Avaliação*. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 74, 1990.
- MÉNDEZ, Juan Manuel Álvarez. *Avaliar para Conhecer – Examinar para Excluir*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- LIBANEO, José Carlos. *Adeus Professor, Adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Papyrus, 1998.
- LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. São Paulo: Cortez, 1998.180p.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- _____. *Avaliação Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 1995.
- _____. *Pontos e Contrapontos: do formar ao agir em avaliação*. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- SILVA, Janssen Felipe. *Introdução: Avaliação do Ensino e da Aprendizagem numa Perspectiva Formativa Reguladora*. In: _____; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAM, Maria Teresa (Orgs). *Práticas Avaliativas e Aprendizagens Significativas: em diferentes áreas do currículo*. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- VASCONCELOS, Celso dos Santos. *Avaliação: concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar*. 11ª. ed. São Paulo: Libertad, 2000.
- ZABALA, Antoni. *A Prática Educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Atividades:

1. Elabore uma atividade avaliativa escrita em uma área do conhecimento numa situação hipotética.
 - Escreva duas questões do tipo “múltipla escolha”, observando as orientações apresentadas no capítulo. Lembre-se de que o enunciado deve estar articulado às alternativas, ter clareza e ser relevante.
 - Elabore uma questão discursiva que não implique resposta memorizadora, mas enseje uma situação significativa. Explícite os critérios em relação aos quais será avaliada a questão.

Para aprofundar o estudo

Consulte os sites abaixo discriminados:

www.Luckesi.com.br/artigosavaliacao/htm

www.contemporaneo.com.br/leitura/artigos/avaliacao.pdf

http://novaescola.abril.com.br/ed/138_dezoo,htm/Celso.doc

PARA REFLETIR E DISCUTIR NO 3º FÓRUM TEMÁTICO

Avaliação processual e somativa: um dilema a ser resolvido?